
**Práticas Educomunicativas No Ganhando Asas:
Como Jovens Com Síndrome De Down Se Tornaram Podcasters⁶⁹**

**Educommunicative Practices on the Ganhando Asas project:
How Young People With Down Syndrome Became Podcasters**

Maria Alice ALBUQUERQUE NETA⁷⁰

João Cruz BARBOSA NETO⁷¹

Andrea de Lima Trigueiro de AMORIM⁷²

Jefté Fernando de Amorim BARBOSA⁷³

RESUMO

Esta pesquisa analisa o processo de construção do podcast Ganhando Asas, protagonizado por jovens com Down, avaliando os possíveis impactos sobre os atores envolvidos. São utilizados recursos etnográficos, observação participante e entrevista em profundidade. Concluímos que a experiência trouxe impactos positivos para o desenvolvimento dos beneficiários e voluntários, sendo as práticas educomunicativas um fator-chave para o resultado percebido.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; Educação Inclusiva; Podcast; Síndrome de Down; Ganhando Asas.

ABSTRACT

This research analyzes the production process of the podcast Ganhando Asas, led by young people with Down Syndrome, evaluating the possible impacts on the people involved. Ethnographic resources, participant observation and in-depth interview are used. We conclude that the experience brought positive impacts to the development of beneficiaries and volunteers, with educommunicative practices being a key factor for the perceived result.

KEYWORDS

Educommunication; Inclusive Education; Podcast; Down Syndrome; Ganhando Asas.

⁶⁹ Trabalho apresentado no XV Congresso Alaic 2020, promovido pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic).

⁷⁰ Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e-mail: alicealbuquerq96@gmail.com

⁷¹ Estudante do curso de Ciência Política da Universidade Concordia, e-mail: joaobarbosa587@me.com

⁷² Orientadora do trabalho. Professora de Comunicação da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e-mail: andrea.trigueiro@unicap.br

⁷³ Co-orientador do trabalho. Professor da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), e-mail: jefté.g3@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estima-se que no Brasil haja 300 mil pessoas com Síndrome de Down (LISBOA, 2018), uma proporção acima da média mundial de 1 em cada 1 mil nascidos vivos. População ainda estigmatizada em diversos aspectos, especialmente pela estereotipação e marginalização por fatores históricos, culturais e sociais (DEZOTTI, 2011; FOUCAULT, 2001), essas pessoas têm conquistado espaço de efetivação de direitos a partir da pressão de grupos articulados.

Foi para oferecer um espaço de visibilidade e protagonismo dessa população que as ações de mídia sonora que resultaram no podcast *Ganhando Asas* nasceram, com o objetivo de favorecer a inclusão de pessoas com Síndrome de Down, promover o seu direito à livre expressão e representação midiática. O podcast foi desenvolvido no âmbito do projeto *Ganhando Asas Através da Comunicação e da Arte*⁷⁴, gerido pela Coordenação Geral de Extensão (CGEx) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), como fruto de uma parceria entre a Unicap e a empresa EBrasil.

A experiência do *Ganhando Asas* foi reconhecida na cidade, o Recife, com os programetes produzidos em 2017 selecionados em um edital da Rádio Frei Caneca FM, uma rádio pública situada do município. O material foi veiculado na programação matutina da emissora. Este ano, em 2021, a versão podcast produzida em 2019 – com apresentação de Jéssica Melo, possivelmente a primeira *podcaster* com Down no Brasil e certamente a primeira em Pernambuco – tem sido veiculada na Rádio Universitária FM, outra rádio pública local. Tal reconhecimento justifica o interesse em investigar suas dinâmicas de produção para compreensão de seus processos educacionais e dos possíveis impactos na subjetividade dos indivíduos envolvidos.

Sendo uma iniciativa de extensão que integra a Academia e a cidade em um espaço de inclusão, o projeto constitui um importante instrumento de desenvolvimento social sobre o qual é fundamental lançar olhares que permitam novas aprendizagens e análise. A escassez de experiências com esse teor no país são mais um indicador de seu caráter pioneiro, o que também justifica o interesse em sistematizar essa experiência em uma análise mais aprofundada.

⁷⁴ <https://instagram.com/gasacomunicacao?igshid=130zzotx5128h>

Assim, interessa-nos, particularmente, analisar a efetividade das práticas educacionais empregadas, em duas diversas áreas de intervenção, e avaliar os possíveis impactos sobre os estudantes, observando, nesse processo, suas apropriações dos temas trabalhados.

EDUCOMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA INCLUSIVA

A Educomunicação é um campo de conhecimento com identidade própria, que se insere no espaço comum entre a comunicação e a educação, ora entrecruzando-se, ora sobrepondo-se (ALMEIDA, 2016). O termo foi utilizado pela primeira vez pelo argentino Mario Kaplún, que se denominava educador, na Venezuela, ainda nos anos 80, quando lecionava fotografia, audiovisual e jornalismo popular no Centro de Serviço e Ação Popular (CESAP). Para ele, o conceito se associa ao fortalecimento da comunicação comunitária e à democratização dos meios de comunicação.

Mas foi a partir da década de 1990 que o professor Ismar de Oliveira Soares (2000, p. 00) realizou estudos que resultaram na definição desse novo campo de pesquisa e atuação, destacando-se como “um conjunto das ações destinadas a: integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos”. Adilson Citelli (2000, p. 3) complementa que se trata

De um campo de reflexão decorrente dos novos modos de organizar o conhecimento e a informação, onde termos como educação e comunicação tornam-se convergentes em amplo sentido, não apenas na perspectiva interpessoal, mas também naquela mediada pelas novas tecnologias.

Os princípios balizadores que norteiam a Educomunicação são: alteridade (SCHAUN, 2002); conscientização social; integração social (FREIRE, 1992); cidadania (COVRE, 1991); relações colaborativas (PERUZZO, 1998); aprendizagem como processo coletivo; e a democratização dos meios de comunicação. Metodologicamente, a Educomunicação é dividida em sete áreas de intervenção, que não são estanques ou acabadas em si, e contribuem para o planejamento e avaliação das intervenções dentro do campo educacional. As áreas são: gestão da comunicação, epistemologia da Educomunicação, expressão comunicativa através

das artes, pedagogia da comunicação, mediação tecnológica na educação, produção midiática e educação para a comunicação.

É a compreensão da relevância desse campo e a articulação de suas áreas de intervenção que podem ser vistas e serão analisadas na experiência aqui estudada.

TRILHAS METODOLÓGICAS DO TRABALHO

A proposta metodológica deste artigo não é esgotar suas possibilidades de análise e vieses, mas sistematizar a experiência e lançar uma primeira luz descritivo-analítica a respeito do tema. Realizamos este esforço como forma de estimular novos olhares sobre práticas educacionais como instrumento de inclusão, representatividade e desenvolvimento, além de incentivar vivências similares às do *Ganhando Asas*.

Caracterizada como estudo de caso (DUARTE, 2005), esta pesquisa emprega técnicas etnográficas (TRAVANCAS, 2005), observação participante (TRAVANCAS, 2005; PERUZZO, 2005) e entrevista em profundidade (DUARTE, 2005) para alcançar seus objetivos. De forma prática, em um primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005) e documental (MOREIRA, 2005) para levantar dados sobre síndrome de Down e podcasts, além de elencar autores para a fundamentação teórica quanto às práticas educacionais e mídia sonora, temas que perpassam este trabalho.

Em um segundo momento, a pesquisa carrega as observações da professora Andrea Trigueiro, orientadora do trabalho, e dos estudantes Maria Alice Albuquerque e João Barbosa, co-autores, que participaram da produção do podcast, em 2019. Contribui nessa etapa o conteúdo obtido por técnica etnográfica, nos registros dos diários de bordo construídos pelos estudantes, sistematizando a experiência vivida.

Por fim, como forma de estruturar achados adicionais que nos apontem aos interesses propostos, optamos por construir um roteiro de entrevista semi-estruturada (DUARTE, 2005) para coletar percepções dos estudantes voluntários de Jornalismo e dos estudantes com síndrome de Down do projeto de extensão. Estabelecemos uma amostragem por conveniência com realização mínima 30% de cada um dos recortes, tendo efetivamente entrevistado 4 estudantes de jornalismo e 4 estudantes do *Ganhando Asas*. O instrumento de coleta se concentrou em buscar: 1) dados sociodemográficos; 2) avaliação da experiência do podcast

Ganhando Asas; 3) percepção sobre possíveis impactos do projeto; 4) percepções sobre o próprio desenvolvimento; 5) avaliação da aprendizagem durante o projeto. Em alguns casos, pais ou responsáveis dos estudantes com Down estiverem presentes, a pedidos daqueles, como forma de oferecer suporte e auxiliar nos casos em que há um pouco mais de comprometimento do desenvolvimento da fala e argumentação.

Todas as entrevistas foram registradas em áudio e em seguida transcritas e tabuladas pela equipe desta pesquisa, aplicando sobre os achados análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2005). O material que se segue, nas análises a partir daqui, é fruto da conjunção desses recursos.

A POPULAÇÃO EM ESTUDO: CONHECENDO O GANHANDO ASAS

O Ganhando Asas Através da Comunicação e da Arte, projeto de extensão no qual se insere o podcast Ganhando Asas, oferece atividades lúdicas, pedagógicas e educacionais a pessoas com síndrome de Down com 18 anos ou mais. Atualmente está em pausa, em função da pandemia de COVID-19, e é coordenado pela Profa. Renata Maria Victor de Araújo. Tem em seu corpo docente 8 professores vinculados ou não à Unicap, convidados pela coordenação do projeto a partir da avaliação estratégica da equipe e demandas do grupo matriculado. O projeto conta, ainda, com a mediação da psicopedagoga Flávia Ferraz e apoio administrativo de Larissa Alves Martins. Ao todo, são 136 horas de carga-horária, distribuídas em 2 encontros semanais.

Entre os módulos educacionais trabalhados está Produção de Web Rádio, desenvolvido pela Profa. Dra. Andrea Trigueiro, co-autora deste trabalho, desde 2017, com um encontro por semana, integrando estudantes do curso de Jornalismo da Unicap, voluntários, ao projeto de extensão. Entre os estudantes de Jornalismo do início da experiência, que desenvolveram os programetes iniciais, estiveram 6 pessoas, de diferentes idades (de 18 a 47 anos), grupos étnicos, gêneros e orientações sexuais. Todos estes integravam o 3º período do curso e permaneceram no projeto também no semestre seguinte, em 2018, já no 4º período, exceto uma das estudantes que, em virtude de uma contratação, precisou sair do projeto, tendo sua vaga ocupada por um estudante também do 4º período.

No segundo semestre de 2019, quando se produziu o podcast, o quadro de voluntários foi completamente alterado. Estiveram em atividade 10 estudantes, distribuídos do segundo ao sexto períodos, de turnos diurno e noturno, de diversas idades, grupos étnicos e orientações sexuais. Já no grupo de matriculados do projeto de extensão estiveram 12 pessoas, de ambos os sexos, com idades entre 25 e 32 anos. Em comparação com 2017, houve a entrada de dois novos beneficiários e saída de quatro deles.

Todos os temas do podcast - vinculados às pautas dos Direitos Humanos - foram definidos, em reuniões de pauta, pelos estudantes com Down. O planejamento do processo de produção foi feito conjuntamente, entre estudantes do projeto de extensão e estudantes do curso de Jornalismo envolvidos na atividade como facilitadores, orientados pela Profª. Andrea. É esse contingente, envolvido no podcast, que integra a nossa população de análise, embora contextualizemos as práticas desde 2017 como forma de demonstrar o histórico de aprendizagens e práticas educacionais que desembocaram na produção.

PERCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO: EDUCOMUNICAÇÃO DO RÁDIO AO PODCAST

Vivemos em um mundo cada vez mais convergente. O próprio rádio - ou a mídia sonora - tem vivido um processo de reinvenção. Como destaca Kischinhevsky (2016, p. 13), “relegado a um papel de coadjuvante desde a popularização da TV, o rádio renasce amalgamando-se à rede mundial de computadores e às redes de telefonia móvel, encontrando novos e diversificados canais de distribuição”. O podcast como formato é fruto dessa convergência, sendo considerado filho do rádio e da tecnologia (FERNANDES & MUSSE, 2018), em um modelo que permite mais flexibilidade e tem consumo por demanda.

Considerando esse cenário, foi mister migrar a experiência do Ganhando Asas dos programetes de rádio para o podcast, como forma de experimentar esse formato emergente que, de acordo com pesquisa do Ibope Conecta (2019), já alcança 40% da população do Brasil. É especialmente interessante uma vez que os grupos envolvidos possuem em seus hábitos a navegação pela internet e conectividade através de plataformas e mídias sociais.

O processo de produção para o podcast foi aberto com uma dinâmica de apresentação dos participantes - para que todas as pessoas se conhecessem - e da proposta inicial de trabalho. Nesse primeiro encontro foram estabelecidos o contrato didático e os marcos iniciais do que

seria feito no decorrer do semestre, com participação e voz de cada um dos envolvidos. Temas e funções, por exemplo, foram definidos coletivamente. O eixo central para a produção, por escolha coletiva, foi a representatividade das pessoas com deficiência.

Esse ecossistema aberto é característica fundamental da educomunicação (SOARES, 2006), e é uma das bases do processo do Ganhando Asas. Tal modelo mostrou-se fundamental na construção de vínculos entre estudantes com Down e sem Down, psicopedagoga e professora orientadora, possibilitando um espaço de confiança e de desinibição quanto à expressão pessoal.

O processo de relacionamento se deu de forma tranquila e fluida, respeitando os momentos e o engajamento de cada pessoa. Em alguns momentos, por exemplo, havia um interesse maior de algum dos estudantes do Ganhando Asas em uma questão mais específica, sendo permitida a sua busca sobre aquilo para socializar os achados depois, enquanto o grupo caminhava com outras ações programadas. De semelhante modo, alguns dos estudantes que tinham prescrição de alguma medicação específica precisavam de mais tempo para conseguirem concentração ou mais energia para as atividades. Essas diferenças eram respeitadas e o estímulo ao cuidado mútuo era uma constante. Assim, “para os sujeitos, as diferenças são não apenas admitidas, respeitadas como também elas colaboram no processo de construção de saberes dentro do grupo de produção” (TRIGUEIRO, 2011, p. 7).

Um exemplo disso foi o interesse de uma das estudantes do projeto, focada em moda e maquiagem, ao descobrir a modelo Maju de Araújo, que tem síndrome de Down. A estudante dedicou um encontro inteiro a pesquisar sobre a modelo nos sistemas de buscas e redes sociais, dizendo que não sabia que essa seria uma profissão possível para pessoas com essa condição cromossômica. Esse dado, além de indicar a percepção sobre o momento de cada sujeito envolvido no processo, é também característica aplicada da educomunicação. É um indicador da “produção de ações voltadas para o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos, abertos, democráticos e participativos cujo objetivo é a promoção da cidadania” (SOARES, 2006, p. 179).

O episódio reforça, também, a importância da representatividade como elemento motivador do desenvolvimento, ao estimular a subjetividade e abrir a possibilidade de ocupação de novos espaços. É visível, por exemplo, a admiração que os jovens com Down dedicam àqueles com maior escolaridade ou já inseridos no mercado de trabalho, como é o caso de uma

beneficiária que cursava a graduação em Fotografia e de outro que é assessor de gabinete na sede do governo do estado de Pernambuco e foi eleito o rei do Carnaval da pessoa com deficiência do Recife, em 2020. Percebe-se, em ambos os casos, a consciência que ambos têm do quanto são referência de empoderamento para outras pessoas na mesma condição.

Conseguir perceber as diferenças e individualidades, no entanto, entendemos ser viável pela quantidade de pessoas dedicadas à facilitação deste processo: uma psicopedagoga, uma professora orientadora e 10 voluntários. Além disso, em determinados momentos, é desafiador compreender o equilíbrio adequado entre o interesse focado em um tema paralelo para permitir que o grupo avance. Em nossa experiência houve apenas um incidente, quando uma estudante do projeto recebeu um beijo no rosto de outro estudante com Down e o agrediu fisicamente. Houve tensão em toda a turma: alguns se sentiram culpados; estudantes de Jornalismo se sentiram inseguros. Houve, em tempo, uma intervenção fundamental da psicopedagoga, que conversou com a jovem individualmente, fora da sala, e, em seguida, tranquilizou toda a turma, abrindo espaço para que se conversasse sobre o que ocorreu.

Percebemos, nisso, uma aprendizagem importante: entendemos que o processo de respeito à dignidade e inclusão, em qualquer condição, significa não a anulação da característica específica ou da deficiência, mas compreensão de que é necessário oferecer oportunidades e condições equânimes considerando esta. Assim, quanto ao educador/facilitador, seu papel é mediar buscando compreender esses limites. Sua função é servir de mediador/facilitador da aprendizagem, rompendo com o modelo de educação bancária ou perspectiva extensionista do processo (FREIRE, 1979; SOARES, 2006), mas compreendendo o seu lugar de saber para intervenção adequada sempre que necessário.

Durante a etapa prática, o grupo seguiu à produção das pautas, apuração, gravação e edição - utilizando seus smartphones e recursos tecnológicos da Unicap. Foi um momento de reforço da aprendizagem em radiojornalismo para os voluntários, orientando os jovens estudantes do Ganhando Asas. Nesse processo foi possível ver o aumento do interesse dos estudantes com Down em entrevistar pessoas e conhecer os processos técnicos da comunicação na mídia sonora. O exercício de produção e gravação, sobretudo, incentivou os grupos de estudantes a exercitarem o lidar com o erro, compreendendo-o como parte do processo. Além disso, foi perceptível o benefício para a desenvoltura da fala, expressão e comunicação nos

estudantes do projeto; assim como foi perceptível a melhoria, para ambos os grupos, da habilidade empática de compreensão de diferentes visões de mundo e disposição à escuta ativa.

Tal construção permitiu maior aproximação entre os atores, em um movimento de participação-poder, como defende Peruzzo (1998). Assim, pôde-se identificar a “promoção da cidadania mediante o exercício da expressão comunicativa, possibilitada pela mediação tecnológica e pelo acesso e gestão democrática dos recursos da informação” (SOARES, 2006, p. 179).

ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Ao todo, entrevistamos 8 atores envolvidos no processo: 4 estudantes de jornalismo e 4 do Ganhando Asas. No caso destes últimos, em duas entrevistas houve presença/apoio de familiar. Os respondentes voluntários de Jornalismo têm entre 20 e 21 anos, todas do sexo feminino, brancas e parda, residentes com ao menos um ente familiar no Recife ou Olinda. Todas elas afirmaram haver impactos do Ganhando Asas sobre seu desenvolvimento, destacando, nisso, o desenvolvimento das competências relacionais e intrapessoais, mais do que as competências profissionais, embora também citadas. Uma das respondentes chega a dizer que a experiência mudou sua vida, deixou-a mais capaz de ouvir e, principalmente, lhe deu segurança, o que lhe afetou profissionalmente ao conseguir lidar melhor com entrevistas e conseguir uma proposta de trabalho. Para outra das participantes foi a primeira experiência gravando conteúdo para mídia sonora, o que lhe possibilitou desenvolver essas competências. E uma delas pontua que houve experiência quanto à prática profissional, mas considera a contribuição nesse campo pequena, já que ainda não está em um estágio. A empatia, capacidade de escuta e cuidado com a fala são unânimes entre as referências de aprendizagens pessoais do processo - assim como o desenvolvimento das relações, do lidar com as emoções e da apropriação quanto às causas fundamentadas nos direitos humanos.

É interessante a mudança quanto à percepção inicial desses estudantes de como seria o processo, assim como os impactos relatados sobre sua subjetividade nesse sentido. Uma das respondentes aponta, quanto aos desafios, que tinha medo de não ser capaz de realizar as atividades. Outra, por outro lado, aponta ter chegado com a sensação de que iria ajudar, fazendo uma boa ação e ensinando, mas se percebeu aprendendo e recebendo - quebrando com essa

percepção hierárquica e, muitas vezes, capacitista. Uma das respondentes apontou como momento mais desafiador o episódio de agressão já relatado neste texto.

Todas foram unânimes sobre o lidar com o erro, compreendido como natural e parte do processo, sendo estimuladas a ouvirem o outro e focarem em soluções conjuntas. Também apontaram se sentirem livres para opinar e serem ouvidas ao fazê-lo, além de sentirem suas identidades respeitadas e em uma ambiência que favorecia o respeito às diferenças, entendendo que esta existe em qualquer relação com qualquer pessoa. O afeto também foi unânime como elemento vinculador nas respostas, justificando, inclusive, a permanência como voluntária de uma das respondentes em outros módulos.

Sobre a aprendizagem em Direitos Humanos, percebe-se nas respostas uma sensibilização quanto à importância das pautas diversas, com uma respondente indicando que o projeto trouxe a percepção da importância de enxergar as invisibilidades e direitos violados, por exemplo, quanto ao acesso à educação para pessoas com deficiência. No entanto, não há percepção de compreensão conceitual substancial sobre o tema, apesar da sensibilização e humanização da pauta. Por fim, quanto à percepção sobre o projeto contribuir com a transformação social, todas apontaram que sim, citando como exemplo desde o fato de enxergarem que pessoas com Down também são capazes (consciência do capacitismo) até o fato de o projeto permitir uma aproximação com a Universidade e dar visibilidade a essas pessoas através da veiculação pública dos produtos radiofônicos.

Entre os respondentes com Down, tivemos respondentes dos sexos masculino e feminino, entre 26 e 29 anos, brancos e pardo, residentes com ao menos um ente familiar no Recife ou Olinda, um com curso Superior; um com Ensino Médio completo; e dois escolarizados dentro no nível Básico, cursando ou não. Em alguns casos, nem todas as perguntas foram respondidas na coleta e respeitamos o interesse individual de responder ou não a cada pergunta. Todos foram unânimes em apontar como experiência marcante o desenvolvimento da habilidade da fala, especialmente os processos de gravação, de falar ao microfone e estar dentro de um estúdio de rádio. Uma das respondentes atribui ao processo a descoberta de “uma comunicação que não sabia que eu tinha”. No campo pessoal, apontam comumente melhoria das habilidades relacionais e de fala, apontando o quanto se soltaram ou puderam sociabilizar mais. Um dos respondentes aponta que “levou para a vida” as

aprendizagens de falar ao microfone, de aparecer no vídeo. E apenas um apresentou objetivamente um impacto profissional, dizendo que, como pretende ser político, as técnicas e a aprendizagem sobre inclusão de jovens Down foram importantes.

O lidar com as diferenças, neste grupo, foi classificado como interessante. Já no lidar com o erro, apenas uma pessoa respondeu, indicando que errava às vezes, mas queria ajudar de modo que não acontecesse. Dois dos respondentes falaram sobre os desafios que enfrentaram e ambos apontaram que, apesar de mais prazeroso, foi também mais desafiador o momento da gravação, sendo a dificuldade o “falar tudo certinho”. Todos eles, no entanto, apontam ter conseguido superar e indicam a atenção e cuidado da professora e grupo como fator facilitador. A afetividade nesse grupo aparece mais objetivamente exposta não só nas respostas, mas também durante a produção do podcast. Todos os que atenderam à questão sobre sentirem-se respeitados indicaram que sim, assim como afirmam se sentirem livres para expressar opinião e serem ouvidos. Um respondente, no entanto, faz a ressalva de que sentia que algumas pessoas não gostavam quando sua opinião era emitida, mas que a professora orientadora e os voluntários ouviam e estimulavam.

No que tange à aprendizagem sobre Direitos Humanos, duas pessoas responderam. De modo similar ao observado nos estudantes de Jornalismo, percebe-se uma fala voltada à sensibilização quanto a importância da inclusão e reparação de direitos, mas sem demonstração de conhecimento substancial ou conceitual do tema. Sobre a contribuição do projeto para a transformação social, dois responderam, indicando que o projeto é bom para a sociedade e é bom para a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, no decorrer da experiência, como o radiojornalismo pode ser um forte aliado do desenvolvimento das habilidades de fala e expressão dos jovens com Down. Além disso, é evidente como a integração entre estudantes de Jornalismo e os estudantes com Down, através de práticas educacionais, favorece sobretudo o desenvolvimento de habilidades intrapessoais e relacionais de ambos, contribuindo, como consequência disso, com a melhora de aspectos da vida profissional, além de fortalecerem a aprendizagem curricular dos estudantes de jornalismo.

No que tange às práticas educomunicativas, resta-nos evidente a sua viabilidade como instrumento de fortalecimento de vínculos de confiança e potencialização do processo de aprendizagem, podendo ser aplicadas em práticas de inclusão e que envolvam as novas TICs. Nesta experiência analisada, transversalmente estão presentes seis das sete áreas de intervenção da Educomunicação, mostrando-se instrumentos fundamentais para os impactos percebidos sobre os alunos, inclusive a partir das falas coletadas em entrevistas.

Fica-nos a indagação sobre a viabilidade de outras experiências dessa maneira, especialmente o questionamento sobre o quanto é viável a personalização do acompanhamento em casos com menos voluntários ou orientadores na intervenção. Compreendemos o papel fundamental do suporte de uma equipe especializada para eventuais intervenções, como no caso da agressão registrada com rápida ação da psicopedagoga do projeto.

Analisamos a experiência do Ganhando Asas como exitosa no sentido de contribuir com o desenvolvimento dos atores envolvidos e promover, dentro de sua escala possível, processos de transformação social. Descrevemos a atividade como fonte de consulta para a reprodução de outras experiências similares, colaborando com o avanço do campo a partir de sistematização de outros casos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de (2016). **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande-PB. Campina Grande/PB, v. 1.6, 24 ago. 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615056/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 01 set. 2020.

CITELLI, Adilson. (Org). **Outras linguagens na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini, 1991. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense.

DEZOTTI, M. C. **Indivíduo com síndrome de Down: história, legislação e identidade**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil, 2011.

DUARTE, M.Y.M. Estudo de Caso. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERNANDES, L.; MUSSE, C. **O potencial da narrativa transmídia em podcasts: contando histórias na era da convergência**. Joinville: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

-
- FOUCAULT, M. Dits et écrits (1954 -1988). Paris: Gallimard, 2001, 2 vol.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de Comunicação.** Rio de Janeiro: MauadX, 2016.
- LISBOA, G. Cerca de 300 mil pessoas têm síndrome de Down no Brasil. **Portal R7**, 21 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/fotos/cerca-de-300-mil-pessoas-tem-sindrome-de-down-no-brasil-21032018>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- MOREIRA, M.A. Aprendizagem significativa crítica. Porto Alegre: Ed. do Autor. 47p, 2005.
- PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos Populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- SCHAUN, A. **Educomunicação: Reflexões e Princípios.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SOARES, I. de O. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014.
- SOARES, I. de O. Educom.Rádio, na trilha de Mario Kaplún. *In*: MARQUES DE MELO, J.; FERRARI, M. A.; SANTOS NETO, E. et al (Org.). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún.** São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/Umesp. 2006. p. 179.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação: um campo de mediações.** São Paulo, 2000.
- STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. *In* DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 51-61.
- TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- TRIGUEIRO, A. **Educação para os direitos humanos na televisão: Um estudo sobre as práticas educacionais do programa TV Solidária.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
-